

BREVE RELATO SOBRE A ÍNDOLE DO SER HUMANO E UMA VISÃO GÊNICA SOBRE A CORRUPÇÃO NO BRASIL.

RIBEIRO, Elio Junior.¹
PRADO, Gustavo dos Santos.²

Resumo

Neste trabalho pretende-se, mesmo que de forma breve, tecer considerações sobre a índole do ser humano – a luz de autores como Hobbes e Maquiavel – que partilham da ideia de que o ser humano é mau por natureza. A partir dessa premissa, e valendo-se da revisão bibliográfica, o trabalho procurará tecer considerações sobre a origem da corrupção, que estaria atrelada a origem da natureza humana.

PALAVRAS – CHAVE: filosofia, natureza humana e corrupção.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ÍNDOLE DO SER HUMANO E A CORRUPÇÃO

O ser humano não é bom por sua natureza. Ele é selvagem, e por esse motivo, ele precisa de um estado para organizá-lo e mantê-lo seguro dele mesmo, tal como preconiza Hobbes. As expressões pelas quais o autor descreve o homem são célebres: "Homo homini lúpus", o homem é o lobo do homem; "Bellum omnium contra omnes" – é a guerra de todos contra todos. (HOBBS, 2013, p.573)

Nesse estado no qual o homem só procura a morte ou a sujeição do outro, ele é extremamente infeliz. Não pode-se pensar que mesmo os indivíduos mais robustos podem desfrutar tranquilamente das vitórias que sua força lhe assegura. Aquele que possui grande força muscular não está ao abrigo da astúcia do mais fraco. Este último - por maquinação secreta ou a partir de hábeis alianças - sempre é o suficientemente forte para vencer o mais forte.

Por conseguinte, ao invés da desigualdade, há uma igualdade entre os homens no estado natural – o que os levam a infelicidade – pois, em definitivo, ninguém está protegido. O Estado Natural é para todos um estado de insegurança e de angústia; nele, o homem sempre tem medo de ser morto ou escravizado, e esse temor que em última instância é mais poderoso que o orgulho, converte-se em uma paixão que vai dar contornos à razão (HOBBS, 2013, p.375)

É o medo, portanto, que vai obrigar os homens a fundarem um estado social e a autoridade política.

Para isso, houve a necessidade de um estado para controlar as forças do mal. Nestes termos, Maquiavel relata como um príncipe deve agir: em um estado organizado um príncipe ser bom e honroso; sendo às vezes necessário ele aparentar ser bom mesmo não sendo. Pois, um político, com o intento de possuir governabilidade, deve sacrificar em alguns momentos pobres e ricos, passando a aura de integridade. Nas palavras do autor:

Um príncipe, portanto, deve ter muito cuidado em não deixar escapar de sua boca nada que não seja repleto das cinco qualidades acima mencionadas, para parecer, ao vê-lo e ouvi-lo, todo piedade, todo fé, todo integridade, todo humanidade, todo religião; e nada existe mais necessário de ser aparentado do que esta última qualidade. É que os homens em geral julgam mais pelos olhos do que pelas mãos, porque a todos cabe ver, mas poucos são capazes de sentir. Todos veem o que tu aparentas, poucos sentem aquilo que tu és; e esses poucos não se atrevem a contrariar a opinião dos muitos que, aliás, estão protegidos pela majestade do Estado; e, nas ações de todos os homens, em especial dos príncipes, onde não existe tribunal a que recorrer o que importa é o sucesso das mesmas, Procure, pois, um príncipe, vencer e manter o Estado: os meios serão sempre julgados honrosos e por todos louvados, porque o vulgo sempre se deixa levar pelas aparências e pelos resultados, e no mundo não existe senão o vulgo; os poucos não podem existir quando os muitos têm onde se apoiar [...] um príncipe, portanto, não é essencial possuir todas as qualidades acima mencionadas, mas é bem necessário parecer possuí-las. [...] (MAQUIAVEL, 2015, p.131)

¹Técnico em administração e informática. Acadêmico de Direito vinculado ao Grupo de “Estudos sobre Globalização e Crise do Estado (GECE)” do curso de Direito da Faculdade Assis Gurgacz (FAG). Email: elioribeirojunior@gmail.com

² Graduado em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp – Campus de Assis), Especialista em Ensino de Geografia pela UEL (Universidade Estadual de Londrina), Mestre e Doutorando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dedicou-se ao estudo sobre a cultura do rock nacional e seus desdobramentos na juventude; possuindo várias publicações sobre a temática. Atualmente é docente na Faculdade Assis Gurgacz na cidade de Cascavel – PR. O trabalho que será apresentado é resultado de uma parcela das discussões que acontecem no Grupo de Estudos sobre Globalização e Crise do Estado (GECE), vinculado ao Departamento de Direito da FAG – Dom Bosco. E-mail: gspgustavo.historia@hotmail.com

E graças a este estado que os homens se tornam mais organizados, principalmente o medo da punição que os torna normalmente mais “sociáveis”. Pois, via de regra, não seria necessário ter tantos códigos de defesa, ou também tantas formas de obrigar o ser humano a ser honroso – contemplados na maioria dos códigos de controle social.

Tais premissas se fazem presentes, por exemplo, no Código Penal Brasileiro. Refletindo de acordo com a dialética “coação e bom comportamento”, pode-se usar como exemplo o artigo 121 da citada lei: “Matar alguém” prevê sua sanção; portanto o código mostra que obrigatoriamente não pode-se fazer determinada ação, pois se o ser humano estivesse em um estado de liberdade sem controle sua própria índole o mataria. E daí, salientando a importância da “persona” política, Maquiavel (2015, p98) afirma que os homens geralmente respeitam mais quem eles temem, pois é muito mais fácil trair quem amam; neste preceito, é mais viável ser temido se for necessário escolher entre ser temido ou amado.

Ou seja, o ser humano não faz normalmente ações que desejam fazer não por ter amor ao próximo; a grande maioria simplesmente deixa de fazer o mal por medo de sofrer punção; ou, como diz Maquiavel (2015, p.93) pelo “temor de castigo”

A resposta é de que seria necessário ser uma coisa e outra; mas, como é difícil reuni-las, em tendo que faltar uma das duas é muito mais seguro ser temido do que amado. Isso porque dos homens pode-se dizer, geralmente, que são ingratos, volúveis, simuladores, tementes do perigo, ambiciosos de ganho; e, enquanto lhes fizeres bem, são todos teus, oferecem-te o próprio sangue, os bens, a vida, os filhos, desde que, como se disse acima, a necessidade esteja longe de ti; quando esta se avizinha, porém, revoltam-se. (MAQUIAVEL, 2015, p.99).

Mesmo Maquiavel escrevendo este livro ressaltando como um príncipe deve se comportar, o autor foi brilhante, uma vez que ele mostra uma maneira interessante de como um bom governo deve ser orquestrado para ser efetivo, para que o rei conseguisse manter-se no poder ou até mesmo como o estado deve-se manter forte perante seus subordinados. E em dados momentos da história a população sabe que os governantes são ruins - os casos de corrupção estão aí – e mesmo assim, ainda o povo acredita ao governante perspectivas de melhora.

Indo além do seu tempo, a obra o Príncipe já ressaltava a justificativa para falsas promessas:

Se todos os homens fossem bons, este preceito seria mau; mas, porque são maus e não observariam a sua fé a teu respeito, não há razão para que a cumpras para com eles. Jamais faltaram a um príncipe razões legítimas para justificar a sua quebra da palavra. (MAQUIAVEL, 2015, p. 98).

Refletindo com seus escritos, a pesquisa acredita que a corrupção faz parte da índole do ser humano. Contudo, isso não justifica atos corruptos – nem pela ótica da filosofia de Maquiavel. Contudo, é inevitável incitar no texto que segue a corrupção da classe política, cimentada por uma sociedade que mantém fortes laços com tal conduta ilícita. Vive-se no país um dilema moral e ético, no qual a sociedade brasileira não sabe para qual caminho deverá seguir. Em todos os setores da sociedade civil, acredita-se que a corrupção deve ser extirpada. A questão candente nesses debates está pautada em uma forte aflição social, porém, sem encontrar os caminhos necessários para amortizar esse cenário corrupto. Dito de outro modo, a maioria da população brasileira quer se livrar da corrupção – mas, ainda não sabem como fazê-lo.

Todavia, com relação à esfera política Nicolau Maquiavel sempre resalta a necessidade de o príncipe ter cuidado com o patrimônio público, pois – o príncipe - “deve, sobretudo, “abster-se dos bens alheios, posto que os homens esqueçam mais rapidamente a morte do pai do que a perda do patrimônio”. (MAQUIAVEL, 2015, p. 103). Talvez um caminho pavimentado por uma consciência da classe política fosse o mais seguro para a sociedade civil não entrar no estado de barbárie. Ou, espera-se uma mobilização da sociedade civil, desde que ela entenda que a corrupção é estrutural e orgânica – refletindo sobre o papel de cada um para a melhoria do todo.

Apontamentos Conclusivos

Embora o ser humano não seja bom por natureza, e premissa do estado mantê-lo bom. E por esse motivo, ele não tende a virar bom por valores morais, e sim pelo medo de sofrer sanções; é nesta hora que entra o estado, sendo ele, o mecanismo que os próprios homens usam para organizar a força e a coação e manter todos moderados sem atingir os demais.



13º ENCONTRO
CIENTÍFICO CULTURAL
INTERINSTITUCIONAL

MISSÃO DADA É MISSÃO CUMPRIDA

19, 20, 21 E 22 DE OUTUBRO DE 2015



Neste estado foi configurado alguns tipos de comportamentos que tem viés maléfico, como a índole do ser humano, e podem ser explicados na união com a vontade de acúmulo de poder transformado em acúmulo de capital pela sociedade - e aqui a corrupção encontra um terreno fértil. Através do texto, pode - se observar genericamente o motivo da corrupção estar impregnada na sociedade atual e porque ela está nos vários níveis do estado - sendo uma doença que o estado encontra tantos problemas para combater.

Referências

HOBBS Thomas. **Leviatã ou a Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. 3 edição. São Paulo: Saraiva, 2013.

MAQUIAVEL Nicolau. **O príncipe**. 4 edição. São Paulo: Edipro, 2015.